doi.org/10.51891/rease.v12i11.32647

# A REPRESENTAÇÃO DA PROFESSORA COMO FIGURA MATERNA E A DESVALORIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE: UM ESTADO DA QUESTÃO

## THE REPRESENTATION OF THE TEACHER AS A MOTHER FIGURE AND THE DEVALIATION OF THE TEACHING PROFESSION: A STATE OF THE QUESTION

## LA REPRESENTACIÓN DE LA PROFESORA COMO FIGURA MATERNA Y LA DESVALORIZACIÓN DE LA PROFESIÓN DOCENTE: UN ESTADO DE LA CUESTIÓN

**Elanne Boavida dos Santos**[1]
**Rosyane de Moraes Martins Dutra**[2]

RESUMO: O presente artigo objetiva analisar a representação da professora da Educação Infantil como figura materna e sua relação com a desvalorização da profissão docente. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, com ênfase no Estado da Questão. O levantamento de dados foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando os descritores Educação Infantil, Maternidade e Desvalorização da Docência. Os resultados apontam para sete trabalhos acadêmicos diretamente relacionados à temática, identificados a partir de um levantamento de 106 produções. Os achados evidenciam que a associação histórica entre a docência, a maternidade e o cuidado contribuem para a construção da imagem da professora como uma figura naturalmente maternal, reforçando a ideia de que ensinar crianças pequenas é uma atividade baseada na vocação feminina. Essa concepção favorece a desvalorização profissional, pois pode tornar invisíveis a formação específica, os conhecimentos pedagógicos e a complexidade do trabalho docente. Conclui-se que superar essa representação exige reconhecer a Educação Infantil como uma etapa da Educação Básica que demanda qualificação profissional, planejamento e intencionalidade pedagógica, compreendendo o cuidar e o educar como dimensões indissociáveis da prática docente.



**Palavras-chave:** Educação Infantil. Maternidade. Desvalorização da Docência.

ABSTRACT: This article aims to analyze the representation of the early childhood education teacher as a motherly figure and its relation to the devaluation of the teaching profession. This study is characterized as qualitative, exploratory, and bibliographic research, with an emphasis on the State of the Art. The data collection was carried out on the CAPES Journal Portal and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), using the descriptors Early Childhood Education, Motherhood, and Devaluation of Teaching. The results point to seven academic works directly related to the topic, identified from a survey of 106 productions. The findings show that the historical link between teaching, motherhood, and caregiving contributes to building the image of the teacher as naturally maternal, reinforcing the idea that teaching young children is an activity based on a female vocation. This view leads to professional undervaluation, as it can make the specific training, pedagogical knowledge, and complexity of teaching invisible. It is concluded that overcoming this perception requires recognizing Early Childhood Education as a stage of Basic Education that demands professional qualification, planning, and pedagogical intentionality, understanding caring and educating as inseparable parts of teaching practice.

**Keywords:** Early Childhood Education. Motherhood. Undervaluing of Teaching.

[1]Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).
[2]Professora orientadora, Doutora em Educação. Professora do Magistério Superior da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo analizar la representación de la profesora de Educación Infantil como figura materna y su relación con la desvalorización de la profesión docente. Este estudio se caracteriza como una investigación cualitativa, exploratoria y bibliográfica, con énfasis en el Estado de la Cuestión. La recolección de datos se realizó en el Portal de Periódicos de CAPES y en la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), utilizando los descriptores Educación Infantil, Maternidad y Desvalorización de la Docencia. Los resultados apuntan a siete trabajos académicos directamente relacionados con la temática, identificados a partir de un levantamiento de 106 producciones. Los hallazgos evidencian que la asociación histórica entre la docencia, la maternidad y el cuidado contribuye a la construcción de la imagen de la profesora como una figura naturalmente maternal, reforzando la idea de que enseñar a niños pequeños es una actividad basada en la vocación femenina. Esta concepción favorece la desvalorización profesional, ya que puede hacer invisibles la formación específica, los conocimientos pedagógicos y la complejidad del trabajo docente. Se concluye que superar esta representación exige reconocer la Educación Infantil como una etapa de la Educación Básica que demanda cualificación profesional, planificación e intencionalidad pedagógica, comprendiendo el cuidar y el educar como dimensiones indisolubles de la práctica docente.

**Palabras clave:** Educación Infantil. Maternidad. Desvalorización de la Docencia.

## INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica e desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças. Nessa etapa, o trabalho docente envolve ações de cuidado e educação, que devem ser desenvolvidas de maneira indissociável. Entretanto, a atuação da professora da Educação Infantil ainda é frequentemente associada à figura materna, como se o cuidado, o carinho, a paciência e a dedicação fossem características naturalmente femininas e suficientes para o exercício da profissão. Essa representação está relacionada a construções históricas e sociais que aproximam o trabalho desenvolvido nas instituições educativas das atividades tradicionalmente atribuídas às mulheres no ambiente doméstico.



Historicamente, a presença feminina no magistério contribuiu para a construção de representações sobre a docência fundamentadas na vocação, no amor e na maternidade. Nesse contexto, a professora da Educação Infantil passou a ser compreendida, muitas vezes, como uma mulher naturalmente preparada para cuidar e educar crianças pequenas, o que pode contribuir para a invisibilidade dos conhecimentos pedagógicos, da formação profissional e das responsabilidades que envolvem sua atuação. Arce (2001), ao discutir o chamado "mito da educadora nata", problematiza a compreensão da professora como alguém que possuiria, naturalmente, as características necessárias para trabalhar com crianças. De maneira

semelhante, Maia (2009) aborda a relação entre a feminização e a desvalorização do magistério, destacando a associação da docência a características como amor, dedicação e vocação.

A importância desta pesquisa surge da necessidade de refletir sobre a forma como a professora da Educação Infantil é socialmente representada e sobre as possíveis consequências dessa compreensão para o reconhecimento da profissão docente. Embora o cuidado e a afetividade sejam dimensões essenciais do trabalho com crianças pequenas, a atuação profissional não se limita a essas características. O trabalho da professora também exige planejamento, conhecimentos pedagógicos, intencionalidade educativa, organização da rotina, mediação das relações e acompanhamento das aprendizagens infantis. Dessa forma, quando a docência é compreendida como uma extensão da maternidade, corre-se o risco de reduzir a complexidade do trabalho realizado e de desconsiderar sua dimensão profissional.

Essa inquietação também está relacionada às experiências vivenciadas durante o estágio não obrigatório em uma creche de tempo integral localizada no bairro Vila Bacanga, no município de São Luís-MA, nas quais foi possível observar as expectativas direcionadas à professora da Educação Infantil, especialmente quanto ao cuidado, ao acolhimento e à afetividade. Tais experiências despertaram questionamentos sobre os motivos pelos quais essas profissionais são frequentemente associadas à figura materna e sobre como essa representação pode influenciar a maneira como seu trabalho é compreendido e valorizado socialmente. Nesse sentido, torna-se necessário discutir a relação entre as concepções de maternidade, a feminização do magistério e a desvalorização da profissão docente, sem desconsiderar a importância do cuidado no processo educativo.



Diante desse cenário, surge o seguinte questionamento: Quais as representações sobre as professoras da Educação Infantil? Até que ponto essas representações podem refletir na maneira como o trabalho dessas profissionais é reconhecido socialmente?

Para responder a essa questão, a pesquisa tem como objetivo analisar as representações sobre a professora da Educação Infantil como figura materna e suas relações com a desvalorização da profissão docente. Busca-se compreender a construção histórica e social dessa associação, discutir seus reflexos na percepção da docência e refletir sobre a importância do reconhecimento da professora como profissional da educação, cuja atuação exige formação, conhecimentos específicos e responsabilidade pedagógica.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico, com ênfase no Estado da Questão. O levantamento bibliográfico foi realizado no Portal de

Periódicos da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). No processo de investigação, utilizaram-se os descritores "Educação Infantil", "Maternidade" e "Desvalorização Docente", aplicando filtros de assunto: recorte temporal dos últimos cinco anos e revisados por pares booleanos. Foram também aplicados o operador boleando AND, para combinar os termos e refinar os resultados.

## A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO E A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM MATERNA DA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para compreender a representação da professora da Educação Infantil como figura materna, é necessário retomar o processo histórico de constituição dessa etapa educacional e a maneira como as mulheres passaram a ocupar o lugar de responsáveis pela educação das crianças pequenas. Essa trajetória está relacionada às concepções sociais de infância, às relações de gênero e à divisão entre as atividades consideradas próprias do espaço doméstico e aquelas reconhecidas como trabalho profissional. Ao longo do tempo, a associação entre mulher, maternidade e cuidado contribuiu para consolidar uma imagem de professora que, muitas vezes, é valorizada por características consideradas naturais do feminino, em vez de ser reconhecida pelos conhecimentos e pelas competências exigidos para o exercício da docência.



No século XIX, a educação das crianças pequenas começou a se organizar em instituições específicas, influenciada por transformações sociais e por diferentes concepções de infância e educação. Nesse contexto, a presença feminina foi associada à educação infantil devido à ideia de que as mulheres possuíam, naturalmente, características como paciência, delicadeza, sensibilidade e aptidão para cuidar das crianças. Assim, a atuação educativa das mulheres passou a ser compreendida como uma extensão das funções maternas exercidas no ambiente familiar.

Essa concepção é problematizada por Arce (2001), ao analisar a construção histórica da imagem da educadora da infância. A autora identifica a permanência do mito da mulher como educadora nata, isto é, a crença de que a capacidade para educar crianças pequenas seria uma característica inerente à condição feminina. Como sintetiza a autora: “toda a mulher teria adormecidos dentro de si os dons da maternidade e de educadora da primeira infância” (ARCE, 2001, p. 174).

A afirmação evidencia que a associação entre mulher e docência na Educação Infantil não deve ser interpretada como resultado de uma aptidão biológica para ensinar, mas como uma construção histórica e social. Ao considerar a maternidade como fundamento suficiente para o

exercício da profissão, essa perspectiva reduz a importância da formação específica e dos conhecimentos pedagógicos necessários ao trabalho docente. Desse modo, características como afeto, paciência e dedicação, embora relevantes para as relações educativas, passam a ser tratadas como atributos naturais das mulheres, e não como dimensões do trabalho profissional que também exigem reflexão, aprendizagem e intencionalidade pedagógica.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a presença das mulheres no magistério se ampliou, acompanhando mudanças na organização da escolarização e nas oportunidades de trabalho feminino. Entretanto, essa ampliação ocorreu em uma sociedade na qual as mulheres ainda eram frequentemente associadas ao espaço doméstico, à maternidade e à responsabilidade pelo cuidado. Nesse cenário, a docência destinada às crianças pequenas encontrou justificativa em características que eram atribuídas socialmente às mulheres, fortalecendo a compreensão de que ensinar e cuidar seriam atividades naturalmente femininas.

A feminização do magistério, portanto, não corresponde apenas ao aumento do número de mulheres na profissão. Ela também envolve a construção de representações sociais sobre o que significa ser professora e sobre quais conhecimentos seriam necessários para exercer essa função. Assis (2022), ao investigar a feminização do magistério nas páginas da *Revista do Ensino*, entre 1925 e 1930, identifica a valorização da mulher como sujeito considerado ideal para a docência, acompanhada da expectativa de que ela continuasse vinculada às funções de mãe, esposa e cuidadora.



Essa perspectiva contribuiu para aproximar a identidade da professora da imagem feminina tradicional. Em vez de destacar prioritariamente sua preparação profissional, o planejamento do ensino e os conhecimentos necessários ao desenvolvimento infantil, a representação social passou a enfatizar qualidades relacionadas ao cuidado e à afetividade. Na Educação Infantil, essa associação assumiu particular relevância porque o trabalho com crianças pequenas envolve relações de proximidade, acolhimento e atenção às necessidades físicas e emocionais. Contudo, quando essas dimensões são interpretadas como prolongamento da maternidade, corre-se o risco de desconsiderar a especificidade pedagógica da atuação docente.

Durante as décadas de 1970 e 1980, as políticas de expansão do atendimento pré-escolar e as iniciativas destinadas à infância conviveram com concepções que atribuíam à mulher uma suposta aptidão natural para educar crianças pequenas. Arce (2001), ao examinar documentos oficiais relacionados à Educação Infantil, discute como essa representação esteve presente em

orientações que valorizavam a experiência materna e a disposição para cuidar, nem sempre atribuindo centralidade à formação especializada.

Essa perspectiva é importante para compreender a desvalorização histórica da profissão. Quando o trabalho com crianças é entendido como uma atividade que qualquer mulher poderia desempenhar por possuir experiência de maternidade ou características consideradas femininas, a formação profissional pode ser tratada como secundária. Consequentemente, o planejamento, a observação do desenvolvimento infantil, a organização dos espaços, a elaboração de propostas pedagógicas e a avaliação das aprendizagens tendem a receber menos visibilidade social do que as tarefas de cuidado.

É necessário destacar, entretanto, que cuidar e educar não são atividades incompatíveis, tampouco se deve desconsiderar a importância da afetividade na relação entre professora e criança. O problema está em reduzir o trabalho docente ao cuidado maternal, como se acolher, alimentar, higienizar, brincar e acompanhar o desenvolvimento fossem ações espontâneas, desvinculadas de conhecimentos e responsabilidades profissionais. A professora da Educação Infantil não precisa assumir o lugar da mãe para estabelecer vínculos de confiança com as crianças; ela necessita construir relações educativas pautadas no respeito, na segurança, no acolhi 1988 mento e na intencionalidade pedagógica.



A Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente, instituído pela Lei nº 8.069/1990, constituíram marcos importantes para o reconhecimento da criança como sujeito de direitos e para o fortalecimento da responsabilidade do Estado, da família e da sociedade em assegurar sua proteção e seu desenvolvimento. Essa mudança ampliou a compreensão da infância para além de uma fase que exigiria somente assistência e cuidado, reconhecendo a necessidade de garantir condições para o desenvolvimento integral das crianças.

Esse processo também contribuiu para reposicionar o atendimento à infância como responsabilidade pública e social, e não apenas como uma extensão das obrigações familiares ou maternas. A educação das crianças pequenas passou a exigir maior atenção às condições institucionais, à organização dos espaços educativos e à preparação dos profissionais responsáveis pelo atendimento.

Apesar dessas transformações legais e sociais, a mudança na concepção da infância não elimina automaticamente as representações históricas sobre a professora. A expectativa de que a profissional seja uma espécie de mãe substituta pode permanecer nas relações cotidianas entre escola, família e sociedade. Dessa forma, a professora pode ser cobrada por demonstrar afeto e

disponibilidade constantes, enquanto os conhecimentos pedagógicos e as responsabilidades que constituem sua atuação profissional permanecem menos reconhecidos.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) representou outro marco na trajetória da Educação Infantil brasileira, ao integrá-la formalmente à Educação Básica. O artigo 29 estabelece que:

> A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, art. 29).

O dispositivo legal é significativo porque define a Educação Infantil como uma etapa educacional voltada ao desenvolvimento integral da criança. Portanto, sua finalidade não se limita à guarda, à proteção ou à reprodução dos cuidados realizados no ambiente doméstico. A instituição educativa possui responsabilidades próprias, e a professora atua nesse contexto por meio de práticas pedagógicas planejadas, da organização de experiências e da mediação das aprendizagens e interações infantis.

A inclusão da Educação Infantil na Educação Básica fortaleceu a necessidade de reconhecer a docência com crianças pequenas como trabalho educacional específico. Entretanto, a existência de um marco legal não significa que as representações sociais tenham sido imediatamente transformadas. A imagem da professora como figura materna pode coexistir com o reconhecimento formal da Educação Infantil como etapa da educação, revelando a distância entre os avanços institucionais e as concepções culturalmente construídas sobre o trabalho feminino.



A partir dos anos 2000, as discussões sobre a identidade profissional das professoras da Educação Infantil passaram a enfatizar cada vez mais a necessidade de formação, conhecimentos pedagógicos e reconhecimento das especificidades do trabalho com crianças pequenas. Nesse debate, Arce (2001) permanece uma referência importante por demonstrar que o mito da educadora nata está relacionado à desvalorização profissional, à vinculação do trabalho educativo às atividades domésticas e à redução da importância atribuída à formação.

Souza e Melo (2018), ao discutirem os reflexos da feminização do magistério na identidade profissional de docentes da Educação Infantil, também contribuem para a reflexão sobre a tensão entre a identificação da professora como profissional da educação e a representação que a aproxima da figura da "tia". Essa forma de tratamento pode parecer afetuosa, mas, quando substitui o reconhecimento da professora como profissional qualificada,

reforça a ideia de que sua função se baseia principalmente em relações pessoais, carinho e disponibilidade, e não em conhecimentos e responsabilidades específicos da docência.

Nesse sentido, o reconhecimento profissional exige compreender que a afetividade não se opõe à formação pedagógica. A professora pode acolher, estabelecer vínculos, oferecer segurança emocional e atender às necessidades das crianças sem assumir o papel materno. Sua atuação também envolve planejar experiências, acompanhar o desenvolvimento infantil, organizar situações de aprendizagem, estabelecer limites educativos, promover a autonomia e articular o cuidar e o educar de acordo com as necessidades de cada faixa etária.

Desse modo, a trajetória histórica da professora da Educação Infantil evidencia uma tensão entre, de um lado, a permanência da imagem da mulher naturalmente apta para cuidar e educar e, de outro, o reconhecimento da docência como profissão que exige formação e conhecimentos específicos. Embora os avanços legais tenham fortalecido a dimensão educacional dessa etapa, a associação entre maternidade e docência ainda constitui um desafio para a valorização profissional. A superação dessa representação não significa negar a importância do cuidado e da afetividade, mas reconhecer que essas dimensões integram um trabalho pedagógico intencional, desenvolvido por profissionais cuja atuação não pode ser reduzida às funções tradicionalmente atribuídas às mães.



## A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A DESVALORIZAÇÃO DA DOCÊNCIA

A maneira como a sociedade compreende a professora da Educação Infantil influencia diretamente o reconhecimento de sua identidade profissional e a valorização do trabalho que desenvolve. Embora essa etapa seja reconhecida como parte integrante da Educação Básica, ainda circulam concepções que associam a atuação docente com crianças pequenas a uma atividade simples, predominantemente prática e baseada no cuidado. Nessa perspectiva, a professora é frequentemente vista como alguém que precisa gostar de crianças, demonstrar carinho e ter paciência, como se essas características fossem suficientes para o exercício da profissão. Essa representação reduz a visibilidade dos conhecimentos pedagógicos, da formação e das responsabilidades que integram o trabalho docente.

Essa problemática é investigada por Peroza e Silva (2023), no artigo *Representações sociais sobre ser professora de Educação Infantil: a constituição da identidade docente no Curso de Licenciatura em Pedagogia*. As autoras analisaram as representações sociais presentes nos discursos de estudantes de Pedagogia e identificaram expressões que revelam como a docência com crianças

pequenas é percebida socialmente. Entre as falas relatadas pelas participantes da pesquisa, destacam-se: “Que fácil só cuidar de crianças!” e “Precisa de curso pra isso?” (PEROZA; SILVA, 2023, p. 571).

Essas manifestações evidenciam uma percepção que reduz a docência ao cuidado cotidiano, como se as atividades desenvolvidas na Educação Infantil pudessem ser realizadas sem preparação profissional. A pergunta sobre a necessidade de formação demonstra como o trabalho pode ser interpretado como uma atividade espontânea, para a qual bastariam características pessoais ou experiências adquiridas na vida familiar. Entretanto, a atuação da professora envolve conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, planejamento, organização dos espaços, acompanhamento das aprendizagens e elaboração de experiências que favoreçam a autonomia, a interação e a participação das crianças. Portanto, considerar a docência uma atividade simples significa desconsiderar justamente os conhecimentos e as decisões que sustentam a prática pedagógica.

A mesma pesquisa apresenta outras expressões que circulam no imaginário social, como “Ser professora é fácil, isso até eu faço” e “Mas é só cuidar” (PEROZA; SILVA, 2023, p. 571). Essas falas permitem compreender que a desvalorização não se manifesta apenas na ausência de reconhecimento da formação profissional, mas também na ideia de que qualquer pessoa seria capaz de realizar o trabalho de uma professora da Educação Infantil. Quando a docência é reduzida a tarefas de cuidado, a complexidade do trabalho pedagógico deixa de ser percebida e a formação específica passa a ser considerada menos importante.



Peroza e Silva (2023) também chamam a atenção para a incompreensão social acerca do brincar como parte do processo educativo. As autoras registram a expressão “A EI não faz diferença, pois a criança só brinca, não aprende nada” (PEROZA; SILVA, 2023, p. 571). Essa afirmação revela uma concepção que separa a brincadeira da aprendizagem e, consequentemente, desconsidera a intencionalidade pedagógica presente nas experiências organizadas pelas professoras. Na Educação Infantil, brincar não significa simplesmente ocupar o tempo das crianças: as brincadeiras possibilitam interações, descobertas, expressão, imaginação e desenvolvimento de diferentes capacidades. Cabe à professora planejar e organizar essas experiências, observar as necessidades infantis e mediar as situações educativas. A desvalorização social do brincar também é discutida por Fortuna (2005), citada por Peroza e Silva (2023). A autora afirma que: "A brincadeira acaba sendo motivo para ironia,

ridicularização e franco desprezo não só dela mesma, mas também de quem brinca." (FORTUNA, 2005, p. 107)

Essa reflexão contribui para compreender por que determinadas atividades desenvolvidas na Educação Infantil são interpretadas como pouco relevantes. Quando o brincar é associado à ausência de trabalho, a professora que organiza experiências lúdicas pode ser vista como alguém que apenas entretém as crianças. Essa interpretação oculta o planejamento, a observação e as decisões pedagógicas que tornam essas experiências significativas para o desenvolvimento infantil. Consequentemente, a desvalorização das práticas educativas também contribui para a desvalorização de quem as planeja e realiza.

Outro aspecto importante identificado por Peroza e Silva (2023) é a associação direta entre a maternidade e a capacidade de exercer a docência. Entre as expressões relatadas pelas participantes, encontra-se a afirmação: "Para ser professora de crianças precisam ser mãe. A Educação Infantil não é tão importante" (PEROZA; SILVA, 2023, p. 573).

A fala evidencia duas representações relacionadas: a ideia de que a experiência materna seria uma preparação suficiente para o trabalho docente e a compreensão de que a Educação Infantil ocuparia uma posição de menor importância em comparação com outras etapas educacionais.



Essa associação reforça a compreensão de que a professora precisa apresentar características maternas para desempenhar sua função, como se a capacidade de cuidar de crianças fosse resultado exclusivo da experiência familiar. Entretanto, a maternidade e à docência constituem experiências distintas, com responsabilidades e objetivos próprios. Enquanto a relação materna está vinculada aos laços familiares, a relação pedagógica é desenvolvida em uma instituição educativa e exige conhecimentos específicos sobre a infância, o desenvolvimento, as interações e os processos de aprendizagem. Assim, embora o cuidado e a afetividade sejam fundamentais, eles não substituem a formação profissional nem definem, isoladamente, a qualidade do trabalho docente.

Essa discussão é aprofundada por Silva, Ferreira e Rosso (2021), no estudo *As representações sociais de professoras da Educação Infantil em relação ao desgaste docente*. Ao investigar as condições de trabalho de professoras da Educação Infantil, os autores identificaram a desvalorização profissional e a insuficiência de recursos humanos entre os elementos relacionados ao desgaste docente. O estudo também evidencia a permanência de uma

compreensão assistencialista da Educação Infantil, que reduz o trabalho profissional às tarefas de alimentação, higiene e cuidado.

Uma das participantes da pesquisa expressa sua percepção sobre essa realidade ao afirmar: "A educação infantil é vista por muitos da comunidade com um olhar assistencialista. Também não recebemos um salário que justifique o desgaste físico e mental. (SILVA; FERREIRA; ROSSO, 2021, s.p.)."

A fala relaciona a maneira como a sociedade interpreta a Educação Infantil às condições concretas de trabalho das professoras. Quando a instituição é compreendida prioritariamente como espaço de assistência e guarda, a dimensão pedagógica pode receber menor reconhecimento. Essa concepção contribui para que as necessidades de formação, as responsabilidades profissionais e as condições adequadas de trabalho não sejam devidamente consideradas. Dessa maneira, a representação social não permanece apenas no campo das ideias: ela pode relacionar-se a práticas institucionais e decisões que afetam o cotidiano das profissionais.

Na mesma pesquisa, outra participante contesta diretamente a redução de sua atuação ao cuidado, afirmando:

> A sociedade tem um olhar restrito sobre a nossa profissão. Somos 'tachados' como meros cuidadores, onde nossa realidade traz uma abertura imensa do quanto nos é exigido para formar essas crianças. (SILVA; FERREIRA; ROSSO, 2021, s.p.).



Essa manifestação evidencia a diferença entre a imagem social da professora e as exigências que ela enfrenta na prática. A profissional não se limita a atender às necessidades físicas das crianças: ela participa de seu processo de formação, promove a autonomia, organiza as interações, orienta a convivência e desenvolve propostas educativas. Quando a sociedade a identificado apenas como cuidadora, essas responsabilidades ficam invisibilizadas, o que compromete o reconhecimento da complexidade de seu trabalho.

A relação entre representação social e valorização profissional também pode ser compreendida a partir das análises de Massucato e Azevedo (2014), que revisaram pesquisas sobre as representações sociais da Educação Infantil e a formação de seus docentes. As autoras identificaram concepções divergentes acerca da identidade dos profissionais dessa etapa, evidenciando a necessidade de ampliar as discussões sobre o tema. Essa constatação permite compreender que a identidade da professora não é definida somente por sua formação ou pelas atividades que realiza, mas também pelas concepções socialmente construídas sobre a infância, o cuidado e a educação.

Nesse contexto, a representação da professora como cuidadora pode produzir uma hierarquização entre as diferentes etapas educacionais. A Educação Infantil, por trabalhar com crianças pequenas e envolver cuidados cotidianos, pode ser considerada menos complexa do que os demais níveis de ensino. Entretanto, a necessidade de articular cuidado, educação, brincadeira, interação e desenvolvimento infantil exige conhecimentos específicos e decisões pedagógicas permanentes. A aparente simplicidade das atividades não corresponde à complexidade do trabalho realizado.

As consequências dessa representação também podem ser observadas nas expectativas dirigidas à professora no cotidiano escolar. Espera-se que ela esteja permanentemente disponível para acolher, consolar e atender às necessidades das crianças, como se sua função se resumisse à oferta de carinho e proteção. Embora essas ações sejam importantes, a expectativa torna-se problemática quando a sociedade desconsidera que elas integram um trabalho educativo que também envolve planejamento, registro, avaliação, mediação de conflitos, promoção da autonomia e organização de experiências de aprendizagem. A professora não deixa de ser profissional quando acolhe uma criança; ao contrário, o acolhimento também pode constituir uma ação pedagógica quando realizado de maneira consciente e articulado às necessidades infantis.



É necessário, portanto, distinguir a afetividade da maternização da docência. A construção de vínculos afetivos é importante para a segurança e o desenvolvimento das crianças, mas não transforma a professora em mãe nem elimina a necessidade de estabelecer limites e orientar a convivência. A relação educativa possui características próprias, vinculadas à responsabilidade institucional e aos objetivos pedagógicos da Educação Infantil. Quando essa diferença não é reconhecida, a sociedade pode exigir da professora uma disponibilidade semelhante à esperada de uma mãe, sem atribuir o mesmo reconhecimento à formação, às responsabilidades e às condições necessárias para o exercício de seu trabalho.

Diante disso, a representação social da professora da Educação Infantil como alguém que apenas cuida, brinca ou exerce uma função por amor e vocação contribui para a invisibilidade da dimensão intelectual e pedagógica da docência. Os estudos de Peroza e Silva (2023), Silva, Ferreira e Rosso (2021) e Massucato e Azevedo (2014) permitem compreender que essas concepções estão relacionadas a processos históricos e sociais que influenciam a identidade profissional e o reconhecimento da Educação Infantil. Superar essa visão implica reconhecer a professora como uma profissional qualificada, cuja atuação exige conhecimentos específicos,

reflexão, planejamento e responsabilidade educativa. Significa, sobretudo, compreender que cuidar e educar não são tarefas simples ou exclusivamente maternas, mas dimensões indissociáveis de um trabalho pedagógico essencial ao desenvolvimento integral das crianças.

## ESTADO DA QUESTÃO: MATERNIDADE, CUIDADO E DESVALORIZAÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para analisar a representação da professora da Educação Infantil como figura materna e sua relação com a desvalorização da profissão docente, realizou-se um levantamento do Estado da Questão em produções acadêmicas que abordam as representações sociais, a identidade docente, a feminização do magistério e a valorização profissional. Esse levantamento busca identificar contribuições, lacunas e tendências nas pesquisas sobre a temática, permitindo compreender como a associação entre maternidade, cuidado e docência tem sido discutida no campo educacional. Além disso, procura-se analisar de que maneira essas representações influenciam o reconhecimento social do trabalho das professoras, considerando a desvalorização dos conhecimentos pedagógicos, da formação profissional e da intencionalidade educativa presentes na Educação Infantil.

## O CAMINHO METODOLÓGICO



A pesquisa desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender o objeto de investigação. Caracteriza-se como exploratória e utiliza o levantamento bibliográfico para a realização do Estado da Questão, tendo como fontes de consulta duas bases científicas: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Portal de Periódicos da CAPES. Para a busca das produções acadêmicas, foram utilizados os descritores “Educação Infantil”, “Maternidade” e “Desvalorização da Docência”, combinados por meio do operador booleano AND. O recorte temporal compreende os anos de 2020 a 2026, e as buscas foram realizadas em outubro de 2026. Em se tratando do Estado da Questão, Therrien e Nóbrega-Therrien (2010, p. 34) dizem que:

> A finalidade do Estado da Questão é a de levar o pesquisador a registrar, com suporte em um rigoroso levantamento bibliográfico, como se encontra o tema ou o objeto de sua investigação [dissertação ou tese] no estado atual da ciência [...]. Sua finalidade também é a de contribuir para o rigor científico e a criticidade no mergulho bibliográfico realizado pelo estudante/pesquisador, de modo a evitar vieses na construção das categorias teóricas e empíricas que vão ser trabalhadas por ele na revisão de literatura (Therrien; Nóbrega- Therrien, 2010, p. 34).

A análise das produções científicas selecionadas e relacionadas à temática foi realizada por meio da leitura dos resumos, das introduções e das conclusões dos trabalhos encontrados.

Essas etapas de leitura possibilitaram uma melhor compreensão dos estudos, contribuindo para a sistematização e a síntese das informações relevantes para esta pesquisa. Os dados gerais obtidos nas plataformas consultadas estão organizados no quadro a seguir:

**Quadro 1 -** Maternidade, cuidado e desvalorização da docência na Educação Infantil, no período de 2020-2025.

| Bases | Trabalhos encontrados | Relacionados à temática |
|---|---|---|
| BDTD | 99 | 2 |
| PERIÓDICOS DA CAPES | 7 | 5 |
| TOTAL | 106 | 7 |

**Fonte:** elaborada pela autora (2026)

No quadro é apresentado um total de 84 resultados, onde apenas 7 estão relacionados a este objeto de pesquisa. O afunilamento com a utilização dos filtros foi de extrema importância para a seleção dos trabalhos científicos que foram analisados, que serão apresentados no decorrer do trabalho.

## PRODUÇÕES ENCONTRADAS NO PERIÓDICOS DA CAPES



Nas buscas efetuadas no Periódico da CAPES, utilizou-se os descritores já citados. Para o descritor Educação Infantil, com filtro dos últimos 5 anos (2020-2025), foram encontrados 5.864 resultados; e para o termo Maternidade, com o mesmo filtro temporal, surgiram 2.799 resultados. Ao utilizar o descritor Desvalorização da Docência, foram encontrados 52 resultados. Pelo que se vê alguns resultados foram altos, por isso a necessidade de usar o boleano AND combinando os respectivos descritores conforme quadro a seguir:

**Quadro 2-** Total de trabalhos encontrados com os descritores no Periódico CAPES, no período de 2020-2025

| Descritor 1 | Boleano | Descritor 2 | Resultados | Achados |
|---|---|---|---|---|
| Educação Infantil | AND | Maternidade | 6 | 5 |
| Desvalorização da Docência | AND | Educação Infantil | 1 | 0 |
| Maternidade | AND | Desvalorização da Docência | 0 | 0 |
| | Total | | 7 | 5 |

**Fonte:** elaborada pela autora (2026)

No que se refere aos resultados obtidos na plataforma Periódicos da CAPES, a partir da combinação dos descritores e da delimitação do recorte temporal, foram identificadas seis produções acadêmicas. Após a análise dos títulos, resumos e introduções, cinco trabalhos foram selecionados por apresentarem aproximação com a temática investigada, conforme apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 3** - Síntese do mapeamento das produções acadêmicas sobre maternidade, cuidado e desvalorização da docência na Educação Infantil, disponíveis no Periódicos da CAPES, considerando os descritores, os operadores booleanos e o recorte temporal de 5 anos.

| Autores | Objetivos | Temática | Local | Ano |
|---|---|---|---|---|
| Sabrina Marafiga Cardoso Silva; Graziela Escadiel Lima; Fabiane Bayer; Franciele Paraboni Maffini | Problematizar os desafios da docência na Educação Infantil durante a pandemia. | A relação entre maternidade e docência na Educação Infantil durante a pandemia da Covid-19. | Santa Maria-RS | 2020 |
| Katia de Souza Amorim; Angela Maria Rabelo Barreto; Maria de Fátima Cardoso Gomes; Alice de Paiva Macário; Vanessa Ferraz Almeida Neves;Zilma Maria Ramos Oliveira; Maria Clotilde Rossetti-Ferreira | Analisar diferentes perspectivas sobre o cuidado e a educação de crianças de até três anos. | O cuidado e a educação de bebês e crianças pequenas em creches, considerando a relação entre maternidade, trabalho feminino e Educação Infantil. | Belo Horizonte-MG | 2020 |
| Francisco Pablo Huascar Aragão Pinheiro; Maria de Fátima Vasconcelos da Costa; Adriana Alcântara dos Reis; Elysne Camelo; Andressa Fernandes Holanda; Emanuel Meireles Vieria; Cássio Adriano Braz de Aquino | Analisar como as práticas de cuidado associadas ao papel materno repercutem no trabalho das professoras da Educação Infantil. | A relação entre maternidade, cuidado e trabalho docente na Educação Infantil. | CE | 2020 |

| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| Raimundo José Pereira da Silva; Eliúde Costa Pereira | Analisar a docência masculina na Educação Infantil a partir dos Estudos Culturais em Educação, considerando as questões de gênero e sexualidade. | A docência masculina na Educação Infantil e os preconceitos de gênero associados ao cuidado e à maternidade. | Naviraí-MS | 2022 |
| SANTOS, João Vitor Barbosa; SANTOS, Carla Manuella de Oliveira | Evidenciar a presença masculina na creche e discutir os preconceitos enfrentados por homens na docência infantil. | A presença masculina na Educação Infantil e os preconceitos de gênero relacionados à docência na creche. | Santana do Ipanema-AL | 2023 |

**Fonte:** elaborado pelo autor (2026)

Silva, Lima, Bayer e Maffini (2020) discutem os desafios da docência na Educação Infantil durante a pandemia, destacando as limitações impostas pela necessidade de utilizar tecnologias e pela ausência do contato presencial, fundamental às interações e às práticas pedagógicas com crianças pequenas. As autoras também ressaltam a predominância feminina na profissão e a aproximação entre docência e maternidade, uma vez que muitas professoras precisaram conciliar as atividades profissionais com os cuidados domésticos e maternos. O estudo contribui para esta pesquisa ao evidenciar como as responsabilidades atribuídas às mulheres podem se acumular, tornando mais complexa a conciliação entre vida pessoal e profissional. Além disso, permite refletir sobre como a associação entre maternidade e docência pode ampliar as expectativas de cuidado dirigidas às professoras.



Amorim et al. (2020) discutem diferentes perspectivas sobre o cuidado e a educação de crianças de até três anos, problematizando as concepções que defendem a permanência exclusiva das crianças sob os cuidados maternos. Os autores argumentam a favor do compartilhamento do cuidado e da educação entre as famílias e as instituições de Educação Infantil, destacando as possibilidades de desenvolvimento infantil e de redução das desigualdades sociais e de gênero proporcionadas por instituições de qualidade. O trabalho contribui para esta pesquisa ao questionar a ideia de que o cuidado das crianças pequenas é uma responsabilidade exclusivamente materna, reforçando a importância das instituições educativas e dos

profissionais que nelas atuam. Assim, possibilita compreender que cuidar e educar são dimensões do trabalho pedagógico e não devem ser confundidas com o exercício da maternidade.

Pinheiro et al. (2020) analisam como as práticas de cuidado associadas ao papel materno repercutem no ofício das professoras da Educação Infantil. A pesquisa, realizada com seis professoras, destaca que a relação afetiva estabelecida com as crianças contribui para a construção dos saberes docentes e que as referências maternas são incorporadas à cultura profissional. O estudo contribui para compreender como a maternidade se relaciona com a identidade das professoras, permitindo refletir sobre os limites entre o cuidado materno e o trabalho pedagógico, bem como sobre o reconhecimento da docência como profissão.

Silva e Pereira (2022) investigam a docência masculina na Educação Infantil a partir dos Estudos Culturais em Educação, discutindo os discursos que naturalizam a presença feminina no cuidado e na educação das crianças pequenas. Os autores destacam que a associação entre mulher, maternidade e vocação contribui para a feminização do magistério, enquanto os homens enfrentam desconfiança e preconceitos ao ingressarem nessa área. O estudo evidencia que essas concepções são construídas histórica e culturalmente, e não correspondem a características naturais de cada gênero. Dessa forma, contribui para compreender como a associação entre docência e maternidade reforça estereótipos e dificulta o reconhecimento do cuidado e da educação infantil como atividades profissionais que exigem formação e conhecimentos específicos.



Santos e Santos (2023) abordam a presença masculina na creche, destacando os preconceitos enfrentados por homens que escolhem a Educação Infantil como campo de atuação profissional. A partir das experiências vivenciadas durante o estágio de docência, os autores evidenciam que o cuidado com as crianças é socialmente associado às mulheres por sua relação com a maternidade. Essa concepção provoca estranhamento diante da presença masculina e reforça a ideia de que as mulheres possuem características naturais para cuidar e educar crianças pequenas. O trabalho contribui para compreender como as construções sociais de gênero sustentam a representação materna da professora e influenciam a maneira como a docência na Educação Infantil é percebida socialmente.

De modo geral, os cinco estudos evidenciam que a relação entre maternidade, cuidado e docência na Educação Infantil é atravessada por concepções históricas, sociais e culturais. As pesquisas destacam que a associação entre mulher e cuidado contribui para a construção da

imagem da professora como figura materna, influencia as expectativas sociais sobre sua atuação e reforça a feminização do magistério. Também demonstram a importância de reconhecer o cuidado como parte do trabalho pedagógico, que exige conhecimentos, formação e intencionalidade educativa. Dessa forma, os artigos oferecem subsídios para analisar como a representação materna da professora pode interferir no reconhecimento social da docência e contribuir para a manutenção de concepções que dificultam a valorização da profissão na Educação Infantil.

## PRODUÇÕES ENCONTRADAS NA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD)

Foram realizadas buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) utilizando os descritores estabelecidos. Para o descritor Educação Infantil, aplicando o recorte temporal dos últimos cinco anos, foram encontrados 5.783 resultados; no descritor Maternidade, surgiram 6.102 resultados. Ao utilizar o descritor Desvalorização da Docência, com o mesmo recorte temporal, localizaram-se 97 resultados, diante desse quantitativo, também foi preciso usar o booleano AND, com mais filtros representativos da base pesquisada. Tais dados estão presentes no quadro seguir:



**Quadro 4 –** Total de trabalhos encontrados com os descritores na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no período de 2020-2025, com busca em outubro de 2026.

| Descritor 1 | Boleano | Descrito 2 | Resultados | Achados |
|---|---|---|---|---|
| Educação Infantil | AND | Maternidade | 84 | 2 |
| Desvalorização da Docência | AND | Educação Infantil | 10 | 0 |
| Maternidade | AND | Desvalorização da Docência | 5 | 0 |
| | **TOTAL** | | 99 | 2 |

**Fonte:** elaborado pela autora (2026)

Quanto aos achados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, buscaram-se trabalhos com uso do booleano AND, recorte temporal, totalizando 99 resultados, selecionados dentre estes, 2 produções acadêmicas compatíveis com a temática em estudo, após

a análise dos títulos, resumos e introduções das teses, têm se um panorama apresentado no quadro a seguir:

**Quadro 5 -** Síntese do mapeamento das produções acadêmicas sobre maternidade, cuidado e desvalorização da docência na Educação Infantil na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações considerando os descritores, os operadores booleanos e o recorte temporal de 5 anos.

| Autores | Objetivos | Temática | Local | Ano |
|---|---|---|---|---|
| João Raimundo dos Santos Silva Júnior | Compreender as representações sociais de pais, mães e professores sobre a atuação de homens como docentes na Educação Infantil, na rede pública de ensino de Manaus. | Docência masculina na Educação Infantil, representações sociais de gênero, maternidade e preconceitos relacionados à atuação de homens na profissão docente. | São Paulo-SP | 2021 |
| Jéssica Daniele Fávaro | Analisar as trajetórias, as expectativas e os desafios enfrentados por professores homens que atuam na Educação Infantil, buscando contribuir para a desconstrução da divisão sexual do trabalho e da ideia de que o cuidado é uma função exclusivamente feminina. | Docência masculina na Educação Infantil, relações de gênero, divisão sexual do trabalho, instinto materno e preconceitos relacionados à atuação de professores homens no cuidado e na educação de crianças pequenas. | Araraquara - SP | 2020 |

**Fonte:** elaborado pela autora (2026)

O trabalho de Silva Júnior (2021) contribui para esta pesquisa ao evidenciar como as concepções sociais de gênero influenciam a percepção sobre a docência na Educação Infantil, destacando que a figura materna ainda é considerada ideal para o trabalho com crianças pequenas. Embora o estudo tenha como foco a docência masculina, seus resultados permitem compreender como a associação entre cuidado, maternidade e feminilidade influencia as expectativas em relação aos profissionais dessa etapa de ensino. Dessa forma, a pesquisa auxilia na reflexão sobre como a naturalização do cuidado como uma função feminina pode contribuir para a desvalorização da profissão docente, dificultando o reconhecimento de que o trabalho na

Educação Infantil exige formação, conhecimentos pedagógicos e competências profissionais específicas.

Fávaro (2020) analisa as trajetórias e os desafios enfrentados por professores homens que atuam na Educação Infantil, destacando como a associação entre o cuidado e a maternidade à figura feminina contribui para a construção da ideia de que essa profissão é naturalmente destinada às mulheres. A pesquisa evidencia que esses profissionais enfrentam estranhamento, preconceitos e questionamentos sobre sua capacidade de cuidar e educar crianças pequenas, sendo frequentemente levados a comprovar sua competência profissional. O trabalho contribui para esta pesquisa ao demonstrar como as concepções sociais de gênero e maternidade influenciam a percepção da docência na Educação Infantil, reforçando a necessidade de reconhecer o cuidado como parte do trabalho pedagógico e de valorizar a formação e a profissionalização docente.

De modo geral, os achados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) revelam que a representação da professora da Educação Infantil como figura materna está profundamente relacionada às concepções sociais de gênero e à associação histórica entre feminilidade, maternidade e cuidado. Os trabalhos analisados evidenciam que essa compreensão contribui para a ideia de que as mulheres possuem uma aptidão natural para cuidar e educar crianças pequenas, enquanto os homens que escolhem atuar nessa etapa enfrentam preconceitos, desconfianças e questionamentos sobre sua capacidade profissional. Além disso, as pesquisas apontam que a naturalização do cuidado como uma característica feminina pode contribuir para a desvalorização da docência, ao desconsiderar os conhecimentos pedagógicos, a formação e as competências necessárias ao exercício da profissão. Esses achados reforçam a importância de desconstruir estereótipos de gênero e reconhecer o cuidado como parte do trabalho pedagógico, valorizando a Educação Infantil como uma etapa educativa que exige intencionalidade, qualificação e profissionalização docente.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos identificados encontram-se principalmente nas bases de dados Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os estudos analisados estão distribuídos por diferentes regiões do Brasil, com predominância da região Sudeste. Nessa região, há três trabalhos, um em Belo Horizonte (MG), um em São Paulo (SP) e um em Araraquara (SP). Na região Sul, há um trabalho em Santa Maria (RS). Na região Nordeste, há

dois trabalhos, um no Ceará (CE) e um em Santana do Ipanema (AL). Na região Centro-Oeste, há um trabalho em Naviraí (MS). Contudo, os resultados são limitados, com apenas sete trabalhos diretamente relacionados ao tema, entre os 106 encontrados nas duas bases.

Neste artigo, foram apresentados resultados de pesquisas relacionadas à representação da professora da Educação Infantil como figura materna e à desvalorização da profissão docente. A análise realizada ao longo deste estudo evidencia que essa representação está profundamente relacionada às construções sociais de gênero e à associação histórica entre maternidade, feminilidade e cuidado. Os achados revelam que, apesar dos avanços no reconhecimento da Educação Infantil como etapa da educação básica, ainda persistem concepções que relacionam o trabalho com crianças pequenas a uma suposta aptidão natural das mulheres para cuidar e educar. Entre os aspectos identificados, destacam-se a naturalização do cuidado como uma função feminina, a valorização da figura materna como referência para a atuação docente e os preconceitos enfrentados por homens que escolhem trabalhar nessa etapa de ensino, tendo sua capacidade profissional frequentemente questionada.

Dos 106 trabalhos encontrados nas bases de dados Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), apenas sete apresentaram relação direta com a temática investigada, demonstrando a necessidade de ampliar as discussões e as pesquisas sobre essa questão. Os estudos também evidenciam os desafios para reconhecer o cuidado como parte do trabalho pedagógico, que exige formação, conhecimentos específicos, planejamento e intencionalidade educativa. Dessa forma, os resultados reforçam a importância de superar estereótipos de gênero e repensar as concepções sociais sobre a docência na Educação Infantil, promovendo o reconhecimento da qualificação profissional das professoras e a valorização de seu trabalho. Compreende-se, portanto, que educar e cuidar são dimensões indissociáveis da prática pedagógica e não atributos exclusivamente femininos, sendo fundamental reconhecer a docência na Educação Infantil como uma profissão que exige conhecimentos, competências e formação específica.



## REFERÊNCIAS

AMORIM, Katia de Souza et al. Continuando o debate sobre cuidado e educação de crianças nos primeiros anos de vida. Teoria e Prática da Educação, v. 23, n. 1, p. 22–35, 2020.

ARCE, Alessandra. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 167–184, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000200009.

ASSIS, Thaís Reis de. Mulher, mãe ... e professora: a feminização do magistério nas páginas da Revista do Ensino. Humanidades e Tecnologia (FINOM), 2022.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

FÁVARO, Jéssica Daniele. Professores homens: suas trajetórias na educação infantil. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2020.

FORTUNA, Tânia Ramos. A formação lúdica do educador. In: MOLL, Jaqueline (org.). Múltiplos alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 107–121.

MASSUCATO, Jaqueline Cristina; AZEVEDO, Heloisa Helena Oliveira de. Representações sociais sobre Educação Infantil e formação dos docentes: o que dizem as pesquisas em educação no período de 2005 a 2011? Revista Educativa, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 337–358, 2014.

PEROZA, Marilúcia Antônia de Resende; SILVA, Bruna Emilyn da. Representações sociais sobre ser professora de Educação Infantil: a constituição da identidade docente no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 23, n. 76, p. 556–578, jan./mar. 2023.

PINHEIRO, Francisco Pablo Huascar Aragão et al. Educação Infantil: um estudo de caso sobre o ofício docente. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 144–160, 2020.

SANTOS, João Vitor Barbosa; SANTOS, Carla Manuella de Oliveira. "Mãe, eu tenho cinco tias": um relato de experiência da presença masculina na creche. Diversitas Journal, Santana do Ipanema, v. 8, n. 3, p. 2616–2627, 2023.

SILVA, Bruna Emilyn da; FERREIRA, Adriano Charles; ROSSO, Ademir José. As representações sociais de professoras da Educação Infantil em relação ao desgaste docente. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, v. 26, e215109, 2021.

SILVA JÚNIOR, João Raimundo dos Santos. A docência masculina na educação infantil em Manaus: representações de pais, mães e professores. 2021. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVA, Raimundo José Pereira da; PEREIRA, Eliúde Costa. Pensar a docência masculina na Educação Infantil a partir dos Estudos Culturais em Educação. Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade, Naviraí, v. 9, n. 20, p. 107–122, 2022.

SILVA, Sabrina Marafiga Cardoso; LIMA, Graziela Escandiel; BAYER, Fabiane; MAFFINI, Franciele Paraboni. Afazeres da docência na Educação Infantil: atravessamentos nas trajetórias

pessoais e profissionais em tempos de Pandemia. SCIAS Edu., Com., Tec., Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 120–141, jul./dez. 2020.

SOUZA, Andréa Rodrigues de; MELO, José Carlos de. Educadora ou tia: os reflexos da feminização do magistério na construção da identidade profissional de professores(as) da educação infantil. Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 43, n. 3, p. 697–709, 2018.

THERRIEN, J.; NÓBREGA-THERRIEN, S. M. O estado da questão: aportes teóricos-metodológicos e relatos de sua produção em trabalhos científicos. In: FARIAS, I. M. S. de; NÓBREGA-THERRIEN, S. M.; NUNES, J. B. C. (Org.). Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto. Fortaleza - CE: EdUECE, 2010, v. 1, p. 33-51